

## O SER COMO HUMANO, UM SER EM FORMAÇÃO: SOB OS CONTEXTOS DO CAPITAL

### THE BEING AS HUMAN, A BEING IN FORMATION: UNDER THE CONTEXTS OF CAPITAL

Amanda do Carmo Amorim Nadú<sup>1</sup>

Keren Ingrid Amorim<sup>2</sup>

**RESUMO:**

O presente artigo busca discutir a formação e construção do ser humano num contexto de mundo globalizado. Para tanto, aborda sobre a sociabilidade humana, a percepção de tempo atrelada ao trabalho e o papel da educação no processo de formação do indivíduo. Como majoritariamente países de sistema capitalista submetem suas pautas à economia, a poucos investimentos sociais, e à doutrina do estado mínimo, observa-se, entre outras coisas, o esvaziamento intelectual das classes trabalhadoras e um projeto educacional cada vez mais robusto no sentido de manter de tal sistema. Diante disso, é urgente a busca por projeto educacional que mobilize os meios intelectuais de cada educando(a), de tal maneira que o(a) mesmo(a) consiga apropriar-se do uso de suas capacidades físicas, intelectuais e morais, podendo assim, de forma autônoma conduzir seu próprio processo formativo.

**PALAVRAS -CHAVE:** Construção do Ser Humano; Capitalismo; Educação; Trabalho.

**ABSTRACT:**

This article seeks to discuss the formation and construction of human beings in a context of a globalized world. For this, it addresses human sociability, the perception of time linked to work and the role of education in the individual's training process. As most countries of the capitalist system submit their agendas to the economy, to scarce social investments, and to the doctrine of the minimum state, there is, among other things, the intellectual emptying of the working classes and an increasingly robust educational project in order to maintain of such a system. Given this, it is urgent to search for an educational project that mobilizes the intellectual means of each student, in such a way that he is able to appropriate the use of his physical, intellectual and moral capacities, thus being able to autonomously conduct his own formative process.

**KEYWORDS:** Construction of the Human Being; Capitalism; Education; Work.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais e graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9069309262112336>.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3753591316809655>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>	

## 01 – INTRODUÇÃO

A construção do ser humano em sociedade é marcada por importantes mudanças, essas são necessárias para estabelecer outras formas de pensar e de viver. Todo momento histórico direcionou, e direciona, o que é possível pensar de cada vez, são as estratégias cotidianas para a transformação da realidade. Há alguns séculos o ser humano pauta as suas relações econômicas e sociais no sistema capitalista, o qual impõe um comportamento aquisitivo, maximizador e de dominação, onde a força de trabalho é intensificada a fim de equilibrar as necessidades multiplicadas por esse sistema, e, conseqüentemente, em busca do poder aquisitivo para sanar tais necessidades.

Movido pela busca incessante do sucesso econômico, o ser humano se fecha na sua individualidade e acredita veemente que a aquisição de bens materiais pode aliviar suas angústias e frustrações. Ademais, “com a valorização do mundo das coisas, aumenta em razão direta a desvalorização do mundo dos humanos” (MARX, 2004, p. 80). Na tentativa de alcançar sua autonomia torna-se refém do consumo massificado e da competição. Nos tempos de modernidade líquida, o ser humano, aquele que por meio da consciência pôde se diferenciar da natureza, submete essa mesma consciência a favor de uma única habilidade, a habilidade para se conquistar bens materiais.

A reversão, ou pelo menos, a amenização desse quadro requer um posicionamento político do(a) educador(a) e das instituições destinadas à formação humana, no sentido de formar homens e mulheres conscientes e críticos, na contramão de uma construção pautada na própria dinâmica do capitalismo e suas múltiplas faces. Para tanto, a educação emancipatória é o meio pelo qual o indivíduo pode vir a interagir na vida social de forma a construir sua humanidade, se deslocando do lugar de produtor das barbáries contra o outro, contra a natureza e contra si mesmo.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

## 02 – HUMANO: UM SER SOCIAL

A sociabilidade humana é construída na forma como os seres humanos produzem materialmente sua própria existência. Ao nascer o indivíduo estabelece uma relação direta com a natureza, e vem a existir justamente quando deixa sê-la. Por meio da socialização ele produz o que necessita, a produção humana ocorre na vida social. Nós vivemos da natureza de forma mediada, numa relação social. Nesse sentido, o primeiro objeto do homem é o próprio homem, a produção humana é consciente e mediada pela socialização. Como descreve Freire:

As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, 1999, p. 39)

O ser humano passa de objeto a sujeito, quando a partir da tomada de consciência, ele se insere na história. Ele existe e temporaliza-se. Não é somente um espectador, ele cria, recria e decide. Quando estabelece relações com a realidade por meio dos seus atos de criação, vai promovendo seu mundo, dominando a realidade e humanizando-a.

A priori, o ser humano transforma a natureza para satisfazer necessidades pessoais. Mas, como ressalta Freire (1979a), o mesmo é um ser inacabado e naturalmente carente, o qual tem suas necessidades construídas historicamente, variando de sociedade para sociedade. Destarte, por meio de sua capacidade teleológica, passa a produzir para além das suas necessidades individuais, se dedicando a uma atividade produtiva.

A partir das ações conscientes dos indivíduos a natureza é transformada, modificando assim toda a realidade. Nessa perspectiva, o trabalho, essência humana e fundante do ser social, possibilita essas transformações, sendo permeado pelas relações de poder, pelo desenvolvimento das capacidades e habilidades humanas e pelas relações das forças produtivas e sociais. Nessa perspectiva, as sociedades foram se modificando e aprimorando suas formas mais simples até as mais complexas

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

a partir de um processo dicotômico e contraditório, no qual as riquezas e as desigualdades também foram se estruturando, e o poder aquisitivo materializado no dinheiro tornou-se a maior das necessidades sociais e a mola propulsora para a individualidade.

### **03 – HUMANO: UM SER DAS NECESSIDADES**

A modernidade se apresenta fortemente marcada pelo individualismo, e se desenvolve baseada no retorno econômico e financeiro. Trata-se de uma conjuntura na qual o indivíduo é educado para ser produtivo. Somos agentes econômicos e estabelecemos relações econômicas por meio das relações de classes. Sobre esse aspecto, Badiou (2012) descreve que na contemporaneidade tudo é convertido em mercadoria, até mesmo os pensamentos. Nesse sentido, podemos argumentar que existe uma urgência em se opor ao consumismo exagerado, no qual as pessoas consomem para além das suas necessidades.

Nosso modelo de mercado dedica-se a produzir necessidades e projetá-las. São necessidades infinitas estabelecidas para que a felicidade esteja em adquirir algo. Para Bauman (2015), esse modelo caracteriza uma sociedade de consumidores imersos numa cultura consumista, onde independente do que está à venda, você sempre encontrará soluções para problemas, quaisquer que sejam eles, por meio de algo que se possa comprar. Na modernidade fluída, não é necessário possuir capacidade própria de enfrentamento das adversidades, tudo depende do poder aquisitivo que cada um possui para sanar suas dificuldades.

Contudo, as oportunidades e as condições sociais se apresentam de forma distinta para os indivíduos, e as possibilidades para suprir as necessidades criadas pelo mercado, são, também, diferentes, o que impulsiona muitos a trabalharem de forma inconsciente e sacrificial a fim de supri-las. O(a) trabalhador(a) vende sua força de trabalho, recebe por isso e devolve esse valor para a economia capitalista quando compra algo, o qual na maior parte das vezes é direcionado a ter. Esse é o ciclo do sistema capitalista. Há um estímulo desenfreado para que se trabalhe mais, onde trabalho é o mediador para a satisfação humana, pelo qual o indivíduo pode ser “livre”. Assim:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

a divisão entre o tempo de trabalho e o tempo pessoal foi abolida. A divisão entre o tempo no escritório e o tempo em casa também. A qualquer momento seu chefe pode te ligar e você não tem desculpa de que estava fora e, portanto, o telefone estava fora do alcance. É preciso levar o telefone com você aonde quer que você vá – ao banheiro ou a um passeio em um bosque. (BAUMAN, 2015, p. 9).

Esse excerto expõe a realidade da grande maioria de trabalhadores(ras), os(as) quais vivenciam a intensificação da exploração do tempo de trabalho. O(a) trabalhador(a) não dispõe de um tempo para realizar atividades diferentes das executadas no trabalho. Agrega-se um valor moral nesse contexto, no sentido de que dedicar todo o tempo ao trabalho é compreendido como uma virtude, o valor do indivíduo é provado pelo seu trabalho. Nesse modelo fundamentado no capitalismo o tempo disponível é ignorado. Há uma maior responsabilização do indivíduo, e o mesmo dedica sua vida em prol do trabalho, visto que, se ele não produz não há lucro, se não há lucro não há razão de ser nesse trabalho, pois não possibilita desfrutar a vida, cujo consumo orienta a felicidade.

Essa concepção do tempo marcado pelo trabalho, foi observada por Thompson (1998), que em sua análise sobre tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial, questionou a partir da Revolução Industrial em que medida o senso de tempo pode afetar a disciplina de trabalho e influenciar a percepção interna de tempo de quem vende a sua força de trabalho.

Contemporaneamente, na lógica capitalista, o trabalho é posto como o grande possibilitador de autonomia e autossatisfação. Dentro dessa visão, se existe a pretensão de se alcançar alguma mobilidade social, deve-se inserir o maior número de pessoas de uma família, e o maior tempo possível de cada um destes no mercado de trabalho. Visando acima de tudo satisfazer as necessidades produzidas pela sociedade de consumo, o indivíduo, por intermédio da alienação<sup>3</sup>, sacrifica seu tempo e sua consciência. “O maior sucesso do mercado, por assim dizer, consiste, precisamente em suas farmácias estarem fornecendo remédios, oferecendo

---

<sup>3</sup>Diz respeito à não apropriação por parte dos indivíduos da riqueza material e espiritual produzida socialmente. No âmbito da alienação os indivíduos não reconhecem na realidade social sua ação, não se reconhecem como sujeitos históricos. A realidade fruto de sua intervenção lhes parece como algo estranho e hostil. O estranhamento do homem diante de si mesmo, diante dos frutos do seu trabalho e dos outros homens é uma expressão de alienação. (BARROCO, 2009, p. 12).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

promessas para problemas reais que a sociedade contemporânea cria” (BAUMAN, 2015, p. 10).

No modo capitalista de produzir bens necessários à vida humana, a aquisição de algo material se configura numa maneira de se contornar as adversidades postas pela existência. Não se partilha mais a vida, mas sim coisas. Uma artimanha do sistema, no sentido em que, quanto mais desconheço o outro, mais o capital se fortalece. A produção intermitente por meio do trabalho na busca incessante do ter, acaba cindindo o indivíduo das questões realmente importantes para satisfação das necessidades humanas, impactando diretamente nas relações sociais.

Posto como a grande saída para os desatinos econômicos e como meio pelo qual se vislumbra uma vida satisfatória, o sistema capitalista não é capaz de estabelecer uma igualdade entre os seres humanos, pois sua essência está justamente na desigualdade. Entretanto, mesmo frente a todas as desumanidades produzidas por esse sistema, o mesmo se fortalece e se propaga como o único modelo possível.

Quando a sociedade experimenta um maior desequilíbrio econômico, os questionamentos a respeito de um possível fim do sistema capitalista vêm à tona. Porém, como sinaliza Badiou (2012), tal sistema está longe de ser esvaído. Suas crises são estruturais, históricas e desencadeiam novas formas de exploração. O autor denomina esse sistema como “banditismo universal”, considerando que sua lei máxima é o lucro próprio. Detentor de uma capacidade de inovação permanente, e uma forma autoritária e hierárquica de se estabelecer, o capitalismo se objetiva na exploração do trabalhador e na produção de riquezas para uma pequena minoria.

Nessa mesma direção, Castro e Danowski (2014), apontam que o capitalismo é “uma máquina de fazer pobres”, no sentido de que sempre que alguém vivencia certa mobilidade econômica, outro pobre ocupa seu antigo lugar. Nesse contexto, por exemplo, o crescimento do número de desempregos nos países desenvolvidos ocorre paralelamente ao crescimento do processo de produção e empregos nos países em desenvolvimento. Repleto de possibilidades -aparentemente para todos-, tal sistema está estruturado na exploração, opressão e barbaridades sobre os(as) trabalhadores(as). São as falácias do mundo capitalista.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Ademais, o modo capitalista de pensar a vida a partir do lucro, vem modificando de forma frenética todo o meio ambiente. Um sistema produtivista e materialista, o qual se beneficia da utilização desmedida dos recursos naturais, aniquilando a natureza em detrimento da produção de coisas materiais. “O fato de que o capitalismo não acaba é a razão pela qual o mundo está acabando”. (CASTRO; DANOWSKI, 2014).

Ainda nos termos dos autores, para que um país cresça economicamente, tem-se a ideia de que é necessário lançar mão de todos os bens naturais em prol desse desenvolvimento, e desconsidera-se que tal crescimento baseado no uso contínuo de energia fortemente poluente, como o petróleo e o carvão desconstrói toda uma existência. A esse respeito, podemos argumentar que para pensar o não fim do mundo, é inevitável idealizar o fim do capitalismo.

Como já apontavam Castro e Danowski (2014), as espécies estão se extinguindo, e a humanidade caminha a passos largos em direção a um abismo. O mundo vai, de fato, piorar para muita gente, para todo mundo. Só o que vai melhorar é a taxa de lucro de algumas empresas, e mesmo os acionistas delas vão ter que talvez tirar a casa de luxo que os mesmos possuem na Califórnia e jogar para outro lugar, porque o fogo dominará aquele local. Se houver uma epidemia, um vírus letal como Ebola, ou como nesse momento temos a pandemia do Coronavírus, todos, independente da classe social serão atingidos. Sujeitos com corpo de carne e osso, ninguém está realmente livre, por mais rico que seja. Entretanto, é evidente que quem vai primeiro soçobrar serão conforme denominam Castro e Danowski (2014) os danados da Terra, os condenados da Terra, os pobres, os vulneráveis.

Nessa conjuntura, a expansão capitalista amparada no conceito neoliberal de sustentabilidade, o qual preconiza que é possível um desenvolvimento sustentável, ou seja, crescimento econômico sem destruição ambiental, vem produzindo efeitos irreversíveis no planeta como um todo. A destruição das florestas tropicais para exploração de madeira e uso no agronegócio, vem causando efeitos colaterais no clima mundial. Conseqüentemente, com o aumento da temperatura mundial, doenças que até pouco tempo eram de abrangência tropical estão abarcando outras áreas, pois o desmatamento e a extinção das espécies predadoras dos insetos, levou à expansão geográfica dos vetores de doenças parasitárias.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Paralelamente, a exaustiva atividade minerária tem levado ao esgotamento dos recursos hídricos e completo colapso dos rios. Obviamente que as primeiras a sentirem os efeitos dessas mudanças serão as populações pobres, mais vulneráveis e com menos recursos financeiros para se resguardarem. Mas, diante desse quadro, em breve, as populações mais abastadas, que já sentem esse efeito, ainda que menos intenso, sofrerão por completo esse colapso do planeta. Um exemplo recente é o caso da mineradora multinacional Vale, responsável pelo rompimento das barragens de rejeito em Bento Rodrigues, distrito de Mariana-MG (2015) e da mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG (2019). Os desastres anunciados ocorridos, fizeram com que um mar de lama de rejeitos de mineração avançasse sobre os municípios, invadindo casas, igrejas e comércios, provocando óbitos, desapropriando famílias e intoxicando a terra rio e mares. Além de todo impacto social, foram enormes os danos causados ao meio ambiente e à economia. (PEREIRA, CRUZ & GUIMARÃES, 2019; CASTRO & ALMEIDA, 2019)

Na busca das efêmeras, perpétuas e supostas necessidades humanas, os indivíduos se dispõem e colocam também o meio ambiente a serviço de um sistema formatado para produzir o consumismo obsessivo e a falta permanente. Tal sistema gera a angústia e delimita a capacidade do homem desfrutar daquilo que já possui. Como argumenta Bauman (2015), em um contexto no qual tudo é fragmentado, e se configura em relações e ações descontínuas, um dos grandes desafios está em como pensar uma formação humana diferente na sociedade contemporânea.

#### **04 – HUMANO: UM SER DO APRENDIZADO**

Como já considerado no início desse texto, o humano é um ser inacabado e está sempre na busca de algo, o que possibilita o mesmo uma inflexão frente a seus comportamentos e atitudes, tendo a educação no cerne dessa construção. Rodrigues (2001, p. 240), citando Kant, descreve que “o homem é a única criatura que precisa ser educada” e não pode vir a ser homem senão por intermédio da educação. Ele necessita ir se transformando, pois não nasce homem, ele aprende a ser homem, um aprendizado cultural. Entretanto, a educação não se limita a formatar e conformar indivíduos seguindo comandos externos.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	



Esse mesmo autor destaca que educar diz respeito a mobilizar os meios intelectuais de cada educando(a), de tal maneira que o mesmo consiga apropriar-se do uso de suas capacidades físicas, intelectuais e morais, podendo assim, de forma autônoma conduzir seu próprio processo formativo. O ser humano é aquele que aprenderá e se transformará. Ele é um ser das possibilidades, e essas só são factíveis na vida social. Educar é uma responsabilidade social:

Nesse sentido, a Educação, entendida como o processo de formação humana, atua sobre os meios para a reprodução da vida - e essa é sua dimensão mais visível e prática -, [...] Educar requer o preparo eficiente dos educandos para que se capacitem, intelectual e materialmente, para acionar, julgar e usufruir esse complexo de experiências com o mundo da vida. Esta é uma responsabilidade a ser atribuída ao Educador. (RODRIGUES, 2001, p. 241).

Dentro dessa ótica, na qual o(a) educador(a) tem a atribuição de preparar os(as) educandos(as) para compartilhar a vida em sociedade, o(a) mesmo(a) deve estar consciente que pensar uma formação diferente é pensar em relações humanas fora do contexto das relações comerciais, e da lógica dos interesses, pautada na construção coletiva e dialética, baseada no altruísmo e respeito à natureza.

É urgente pensar a convivência com o outro na contramão de uma relação baseada na celebração do individualismo, sendo indispensável orientar o processo de formação humana pelas ações colaborativas, cuja ética da solidariedade substitui a ética da eficiência. Uma solidariedade permanente, onde o outro não seja solidário como o próximo motivado por campanhas esporádicas. “O ser humano deverá ser formado para a ação cooperativa, para a solidariedade, para a aceitação do outro, para a noção de limites e para construir a noção de dever”. (RODRIGUES, 2001, p. 248).

Estamos vivendo o auge do individualismo e da concorrência, o que significa que é apresentada ou ensinada a toda uma geração essa maneira de ver e viver o mundo. Precisamos de nos opor a essa forma, e reconsiderar a nossa maneira de educar. Pensar uma educação que conduza o pensamento crítico sobre os fatos, como por exemplo, mostrar que é possível consumir sem ser consumista, ou que a colaboração pode suplantar a concorrência em prol de um bem comum.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Sobre esse assunto, Bauman (2015) descreve que nossa capacidade de interagir socialmente está em risco, o que a longo prazo repercutirá de forma negativa em nossa relação com o outro. Cada vez mais nos relacionamos menos com as pessoas, principalmente com aquelas que pensam diferente de nós, pois estamos perdendo a habilidade de interagir de forma real. No mundo cada vez mais universalizado e fluído, o convívio é mediado, em grande parte, pelas tecnologias, onde basta um simples toque na tela para interagir virtualmente com um vietnamita, por exemplo. Entretanto, bater um papo com o vizinho pode oferecer grande obstáculo e resistência. Ainda que tudo pareça tão próximo por meio de uma tela, o abismo relativo às interações humanas reais se alarga contumaz.

Nessa perspectiva, educar contra essa corrente, para uma nova mentalidade, um novo *ethos*, e ao mesmo tempo retomar a concepção da qual o indivíduo necessita desenvolver relações com a natureza e com os outros seres humanos, sendo impossível concretizar a vida sem esses pilares, requer educadores comprometidos com uma visão crítica, especialmente no que concerne ao modo capitalista de estruturar o mundo e as relações humanas.

Como já mencionamos a expectativa sobre uma educação emancipatória exige pensar as práticas escolares para além das relações comerciais. No entanto, os caminhos percorridos pela história da educação no Brasil mostram que os espaços escolares constituem verdadeiros campos de disputa, tornando essa expectativa um alvo muito distante. As instituições escolares contemporâneas muito têm em comum com as do século passado, onde segundo Faria Filho (1998), a cultura escolar desempenhou o papel de transformar crianças em alunos(as). O historiador chama atenção para as primeiras décadas do século XX que remontam o ideário de modernização presente no centro das ideias da primeira República. Aqui, buscava-se uma racionalização dos processos escolares objetivando alcançar uma organização capitalista do trabalho, do mundo e das relações urbanas. Os processos de reformas no contexto escolar no referido período visavam regulamentar desde a infância o tempo, as ações e os espaços que o(a) futuro(a) trabalhador (a) ocuparia. Desse modo, a escolarização dos corpos das crianças representa um traço que remonta a identidade de uma sociedade. Representa principalmente a forma como a relação da educação desses corpos serve a um processo de homogeneização. Ademais:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

A produção de uma representação da escola como uma instituição, separada do lugar da casa e da rua, que construiu uma temporalidade própria, que organizou e buscou transmitir conhecimentos, sensibilidade, valores específicos, enfim, que implicou a construção e imposição de uma nova cultura escolar, teve também como um dos resultados mais duradouros a transformação escolar da *criança em aluno(a)*. (FARIA FILHO, 1998, p. 144).

A forma de sentar-se, de escrever, os horários das refeições, a maneira de se vestir, tudo o que estivesse ligado a dar uma forma padrão que servisse à instituição escolar, foi formulada para servir aos interesses do Estado. A apropriação do corpo da criança pela escola cumpre com um propósito de disciplinarização para o trabalho, onde todas as regras convergem para a construção do perfil de um(a) trabalhador(a) moderno(a):

A construção da ideia da criança como tábula rasa, ou seja, como aluno(a), é, portanto, uma questão muito mais político-cultural que epistemológica. Implica, antes de tudo, uma desvalorização da legitimidade de saberes, de sensibilidades, de formas de conhecer, de linguagens, enfim, da cultura não apenas das novas gerações, mas de populações inteiras – os pobres, os trabalhadores, as classes subalternas – concebidas “naturalmente” como aprendizes. (FARIA FILHO, 1998, p. 148).

A disciplinarização do corpo, nesse sentido, engendra processos ambíguos de forma que essa normatização imposta vai contra a própria natureza do corpo humano. Demarcar um horário para as necessidades fisiológicas é um exemplo disso. Perceber a formação dos indivíduos para o trabalho nessa perspectiva é perceber a história da construção de um modelo de cidadão(ã), de um modelo de sociedade.

São muitas as transformações ocorridas no âmbito da educação na escola pública do Brasil, processadas desde a proclamação da República nos finais do século XIX, até os finais do século XX. Conforme descreve Saviani (2004) podemos destacar a criação das escolas primárias segundo o ideário iluminista republicano; a regulamentação das escolas superiores, secundárias e primárias a partir do ideário pedagógico renovador promovendo significativas mudanças, como por exemplo, a lei orgânica que regulamentava o Ensino Industrial; a unificação da regulamentação da educação nacional abrangendo redes municipais estaduais e federais. Já no final do século XX podemos citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional abrangendo a educação nos processos formativos, no contexto familiar, social, profissional, bem como nos processos de convivência humana e espaços culturais. Os exemplos citados fazem referências apenas a uma pequena parcela das várias

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

transformações ocorridas na conjuntura da educação, e embora mais de um século tenha transcorrido, a cultura da disciplina se mantém viva. Os estudantes desde muito cedo são disciplinarizados conforme a lente do trabalho capitalista. Horário fixo para acordar, meios de locomoção lotados, o sinal da escola marcando o tempo exato, ao entrar na sala têm de aprender a controlar o tempo das necessidades fisiológicas, a forma de sentar-se, a hora de falar e assim são moldados para um sistema específico de trabalho, o sistema capitalista.

Nesse sentido, é preciso reconsiderar o papel da escola no contexto atual. Com a fragmentação das entidades educativas, a escola é a única instituição presente de forma universal na vida das pessoas desde o nascimento, e por esse motivo, é necessário valorizar a grandeza desse fato no que diz respeito à sua formação humana. “[...] a escola exercerá ou poderá exercer um papel que a ela jamais foi atribuído em tempos passados: o de ser a instituição formadora de seres humanos”. (RODRIGUES, 2001, p. 253)

À escola não cabe mais, apenas, o processo de escolarização, pois no desmonte das outras instituições educacionais, como por exemplo, a família, a escola e seu corpo de educadores(as) são chamados a preencher o vazio instalado, a rever o papel dessa instituição e sua relação com a sociedade e com a natureza. Adicionalmente:

As crianças serão enviadas para a Escola cada vez mais cedo e nela permanecerão por um tempo mais extenso. E isso não será porque há um mundo novo de informações a ser processado e, sim, porque a Escola deverá exercer o tradicional papel das famílias, das comunidades, da Igreja, e ainda, o que lhe era próprio: desenvolver conhecimentos e habilidades. Ela deverá se ocupar com a formação integral do ser humano e terá como missão suprema a formação do sujeito ético. (RODRIGUES, 2001, p. 254)

Essas ponderações nos conduzem a duas provocações principais. Primeiro, a de pensar a formação dos seres humanos ainda mais comprometida como uma construção histórica e social no sentido democrático em detrimento a um sentido puramente capitalista, o qual não condiz com o projeto de autonomia emancipatório. Segundo, a de formar um sujeito ético, aquele que realiza uma reflexão filosófica das ações e se orienta por uma perspectiva emancipatória, pela qual o ser determina a

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

consciência; aquele que percebe que nada é dado, tudo advém de um processo de construção, inclusive a liberdade<sup>4</sup>.

No que se refere a essas ponderações, Freire (1979b) traz o conceito de conscientização como algo intimamente ligado à educação, que a transforma em prática libertadora com visão crítica da realidade. Quanto mais conscientização, mais se aproxima da realidade, é um compromisso histórico, pois é nela que os indivíduos fazem suas reflexões críticas. Por ser uma atitude crítica, a conscientização é um processo contínuo, pois para que novos perfis históricos surjam, o processo conscientizador não pode parar. A alfabetização política passa por esse processo, pois a libertação do indivíduo desse tipo de analfabetismo é a própria conscientização. E isto, segundo o autor, levará a superação das opressões da estrutura dominante, pois estas tentam manter a alienação social por meio da *mitificação da realidade* (destaque nosso).

Quando compreendemos essa perspectiva e entendemos a formação humana como uma construção histórica, isso quer dizer que nós fazemos parte dela e ao mesmo tempo a partilhamos. Numa conjuntura permeada pelas correlações de forças, é preciso que a instituição escola e seus pares se aproximem das correntes teóricas comprometidas com a democracia e com a construção de uma nova sociabilidade. Além disso, para formar sujeitos éticos, conscientes de suas escolhas e da sua responsabilidade com a sociedade, é, sobretudo, necessário, o comprometimento com as questões coletivas. Isso aponta para a formação de um sujeito cognoscente, o qual tem autonomia no processo de construção do seu conhecimento.

Mas, essa discussão traz também, em seu bojo, a imensa dificuldade de construção de uma formação humana emancipatória no contexto de uma educação mercantil. No Brasil, especificamente nas últimas décadas, um número expressivo de pessoas vem se inserindo em instituições escolares. Paradoxalmente, esse maior número de alunos(as) não representa um maior número de pessoas formadas

---

<sup>4</sup>Capacidade essencial do homem dada pela possibilidade de escolher com autonomia. Isto é, conscientemente, livremente. A liberdade é uma capacidade e um valor; capacidade porque permite e escolha; valor porque torna-se valorosa na história do ser social. É ainda liberdade de e para de. No sentido de superação dos entraves à escolhas e para no sentido do vir a ser ou seja, da realização de projeto que realizem e ampliem a liberdade. (BARROCO, 2009, p. 12).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

com uma consciência crítica no que diz respeito ao mundo, a natureza, ao outro, ao coletivo. Grande parte dessas instituições tem o aprendizado centrado na relação da compra e da venda, e aí, não temos mais o(a) aluno(a), e sim o(a) cliente.

A despeito disso, no que concerne especificamente às universidades, Chauí (2001) destaca que o neoliberalismo se apresenta como nova força do capitalismo mundial, o que levou ao reducionismo da política às demandas econômicas. As relações universitárias seguem essa lógica, de se adequar às normas do mercado. Na realidade brasileira, as universidades trabalham dentro de uma visão neoliberal, com formação de demanda de mercado. Cria-se toda uma dinâmica universitária desde a grade curricular, quantidade de disciplinas até o tipo de licenciatura em que o curso se apresenta, tudo para atender de maneira bem específica, a ótica capitalista. A lógica do custo-benefício pauta esse tipo de relação acadêmica, ou seja, não há preocupação qualitativa de formar o(a) aluno(a) para a vida, mas a formação só valerá a pena se for beneficiadora da engrenagem econômica.

Ainda nos termos da autora, os crescentes investimentos nos cursos de graduação curta, são estratégias mercadológicas para inserir no mercado de trabalho mão de obra em menos tempo. Tudo isso faz parte de um grande projeto de destruição lenta da universidade. Ressalta que devemos resgatar o saber *renascentista*, (destaque nosso), onde os homens estavam inseridos numa visão macro de todas as áreas do conhecimento. Entretanto, estamos resgatando a lógica dos primórdios do capitalismo, ou seja, o pouco questionamento e o direcionamento do saber para unicamente produzir o capital. Esse novo direcionamento que a academia vem assumindo no Brasil, leva os executores desse projeto a acharem que estão fazendo um bem para a sociedade. Não há mais a preocupação com os problemas existenciais do mundo, mas somente uma pauta acadêmica que responda às necessidades econômicas, tendo como ponto final o mercadológico. (CHAUÍ, 2001).

O papel do(a) educador(a) se configura dentre outras coisas, num posicionamento contrário a um mercado construído na opressão e alienação do outro, e requer a formação de sujeitos realmente mais humanizados, pela qual as relações humanas não se transformem em relações comerciais. Há muito que se aprender, não

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

só com os livros ou com a internet, é preciso aprender a repensar nossa relação com o mundo. Castro e Danowski (2014) descreve que os índios, e esses são toda as diversas minorias que não estão imersas no consumismo via capitalismo, podem nos ensinar a reconsiderar nossa relação com o mundo material, uma relação, na qual o sistema econômico não exerça uma influência tão contundente. Ensinando-nos, sobretudo, a ver as adversidades com os óculos do “pessimismo alegre<sup>5</sup>”. É preciso preparar as pessoas para viverem as dificuldades inevitáveis da vida real sem se divorciarem da alegria da vida em si mesmo, e não apenas formá-las para a competitividade. Essa sacrifica, oprime, e desumaniza em prol do valor financeiro, do trabalho alienado, do consumismo incontido.

## 05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios da civilização o ser humano busca a sociabilidade nas relações interpessoais, no trato com a natureza e os recursos que dela provém. Nos últimos duzentos anos observa-se um direcionamento inexorável dessas relações ao objetivo capitalista dos meios de produção, onde o sujeito social passa a ser um mero coadjuvante de todo um sistema voltado para a acumulação de riquezas e exploração sistemática dos recursos naturais que simplesmente abastecem essa enorme engrenagem. A humanização dessas relações se esvaiu, o trabalho passou a ser o único alvo a ser alcançado pelo(a) cidadão(ã) em busca da sonhada felicidade. As dificuldades passaram a ser medidas por bens materiais, e as questões existenciais, não estão mais no centro das discussões, exceto quando estão atreladas ao que se vai produzir e o que fazer com essa produção.

Seguindo essa mudança de paradigma, a educação também esvaziou o discurso da formação humana, do ser humano como aquele que terá a visão crítica da sua realidade e que envolverá nos assuntos da sua comunidade, com propostas de transformação de realidade. A escola deveria assumir parte desse papel de

---

<sup>5</sup>Acho que o pessimismo alegre é o que você encontra na favela carioca. É o que você encontra no meio das populações que vivem no semiárido brasileiro. É a mesma coisa que você encontra, em geral, nas camadas mais pobres da população. O fato de que você vive em condições que qualquer um de nós, da classe média para cima, consideraria materialmente intoleráveis. Mas isso não os torna seres desesperados, tristes, melancólicos, etc. (CASTRO; DANOWSKI, 2014).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

trazer para o(a) cidadão(ã) a consciência de seu valor na humanização das relações, mas o que se observa é a educação trabalhando pela causa capitalista, de formação clientelística, os quais atenderão à necessidade do capital, homens e mulheres analfabetos sociais, meros expectadores das mudanças que a modernidade sofre.

A partir da década de 1980 com a nova onda do capitalismo mundial que ficou conhecido como neoliberalismo, observamos a completa perda da autonomia social pela massa trabalhadora. Os países capitalistas colocaram todas as suas pautas sociais atreladas à economia, mínimo de investimentos sociais, e a doutrina do estado mínimo. Como consequência observou-se o esvaziamento intelectual das classes trabalhadoras, resultado do abandono da formação humana pela escola, agravando a situação, pois agora esse sujeito social é somente uma peça descartável na lógica do mercado. Ele é formado para não questionar, mas contribuir nessa engrenagem neoliberal, que muitas das vezes se apresentará como algo que promove a qualidade de vida desse sujeito.

Com o esvaziamento do comprometimento com a emancipação do indivíduo, a escola passa a ser uma parceira do sistema capitalista, ao formar consciência mercadológica no(a) cidadão(ã), em detrimento à construção humanizadora. Parece-nos que estamos lutando contra nós mesmos, enquanto deveríamos estar engajados e comprometidos com as necessidades coletivas e com o humano genérico, visando a autonomia de todos os indivíduos sociais.

Sendo o conhecimento algo sempre coletivo, como construí-lo num universo independente, no qual o outro só enxerga a si mesmo? Acreditamos que devemos voltar ao papel primordial da escola como centro irradiador da formação humana e centro da comunidade, aquela que lança as bases do ser humano em constante construção.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	



## 06 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIOU, Alain. O comunismo e a ideia de emancipação de toda humanidade. Entrevista concedida a Eduardo Febbro; tradução de Marco Aurélio Weissheimer. *Carta maior*, 05 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/-O-comunismo-e-a-ideia-da-emancipacao-de-toda-humanidade-/6/18598>. Acesso em 16 jun. 2017.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. Os fundamentos sócio-históricos da ética. *In: Capacitação em Serviço Social e política social*, Módulo 2. Brasília: CFESS- ABEPSS, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Comunicação líquida. Entrevista concedida a Nara Almeida. *Observatório da Imprensa*, n. 835, 27. jan, 2015. Disponível em: [http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/\\_ed835\\_comunicacao\\_liquida](http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed835_comunicacao_liquida). Acesso em 24 jun. 2017.

BRASIL. *Decreto-Lei Nº 4.073*, de 30 de janeiro de 1942. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del4073.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4073.htm). Acesso em 14 ago. 2020.

BRASIL. *Lei Nº 5.540*, de 28 de novembro de 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5540.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm). Acesso em 13 ago. 2020.

BRASIL. *Lei Nº 5.692*, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5692.htm). Acesso em 13 ago. 2020.

BRASIL. *Lei Nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 13 mar. 2020.

CASTRO, Eduardo Viveiros; DANOWSKI, Déborah. Diálogos sobre o fim do mundo. Entrevista concedida a Eliane Brum. *El País*, Coluna Opinião, 29 de setembro de 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283\\_365191.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html). Acesso em 12 jul. 2020.

CASTRO, Lucas Siqueira; ALMEIDA, Eduardo Simões de. Desastres e desempenho econômico: avaliação do impacto do rompimento da barragem de Mariana. *Geosul*,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

v. 34, n. 70, p. 406-429, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2019v34n70p406>. Acesso em 11 mai. 2020.

CHAUI, Marilena. As humanidades contra o humanismo. *In: Universidade, formação, cidadania*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-32.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Cultura e prática escolares: escrita, aluno e corporeidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 103, p. 136-149, 1998. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/734>. Acesso em 15 set. 2020.

FREIRE, Paulo. A educação e o processo de mudança social. *In: Educação e mudança*. 12ª ed. São Paulo: Paz e terra, 1979a.

FREIRE, Paulo. A sociedade brasileira em transição. *In: Educação como prática da liberdade*. 23ª ed: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Alfabetização e conscientização. *In: Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de P. Freire*. Cortez & Morales, 1979b.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

PEREIRA, Luís Flávio; CRUZ, Gabriela de Barros; GUIMARÃES, Ricardo Morato Fiúza. Impactos do rompimento da barragem de rejeitos de Brumadinho, Brasil: uma análise baseada nas mudanças de cobertura da terra. *Journal of Environmental Analysis and Progress*, v. 4, n. 2, p. 122-9, 2019. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/JEAP/article/view/2373>. Acesso em 11 mai. 2020.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. *Educação e Sociedade*, v. 22, n. 76, p. 232-257, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276>. Acesso em 05 ago. 2020.

SAVIANI, Dermeval. A escola pública brasileira no longo século XX (1890-2001). *In: Congresso Brasileiro de História da Educação, III, 2004. Anais...* p. 1-11. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/483.pdf>. Acesso em 21 jul. 2020.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. *In: Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XXI Jan-dez 2020	Trabalho 02 Páginas 23-40
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	